



| nara roesler |

TEFAF NEW YORK 2025

estande 208

preview

8 de maio

aberto ao público

9–13 de maio

park avenue armory

643 park avenue

nova york, eua

maria and mondrian

o encontro inesperado do surreal e do concreto

Nara Roesler tem o prazer de apresentar na TEFAF New York 2025 uma improvável justaposição de Figuração Surreal e Abstração Concreta, resumida como Maria e Mondrian.

Maria Martins (1894-1973), a mais importante escultora surrealista do Brasil e uma das artistas mais famosas do século XX, desenvolveu uma forma única de figuração neobarroca que evoca motivos brasileiros ancestrais e vernaculares. Ela viveu nos Estados Unidos entre 1938 e 1949.

Entre março de 1943 e abril de 1944, a Valentine Gallery, em Nova York, apresentou uma exposição de esculturas de bronze de Maria inspiradas em divindades da Amazônia. Simultaneamente, Piet Mondrian (1872-1944), amigo de Maria, exibiu suas últimas pinturas, incluindo a agora icônica *Trafalgar Square* (1939-43) e *Broadway Boogie Woogie* (1943).

Essa exposição histórica, realizada há 80 anos em Nova York, serve de pretexto para Maria e Mondrian. A apresentação reúne esculturas marcantes de Maria da década de 1940, ao lado de uma seleção de obras que fazem referência ao legado de Mondrian de abstração geométrica ortogonal e baseada em grades.

A exposição de Maria Martins na Valentine Gallery foi um sucesso absoluto, com suas obras adquiridas por grandes colecionadores, como Nelson Rockefeller, e museus dos Estados Unidos. Em contrapartida, Mondrian vendeu apenas um quadro - *Broadway Boogie Woogie* - para ninguém menos que a própria

Maria Martins, por US\$ 800. Maria pretendia doar a pintura para o Museu de Arte Moderna (MoMA), mas a instituição inicialmente rejeitou o presente. Foi somente com a mediação de Nelson Rockefeller que o museu acabou aceitando a peça como uma doação anônima. Hoje, *Broadway Boogie Woogie* é uma das obras mais procuradas da coleção do MoMA.

O encontro improvável entre o orgânico e o geométrico, o surreal e o racional, o vernáculo e o internacional, o ancestral e o futurista é uma parábola das complexidades da arte moderna - suas múltiplas narrativas, trajetórias imprevisíveis e fortunas flutuantes. Embora Mondrian seja hoje universalmente reconhecido como um pilar da arte moderna, sua obra raramente foi elogiada durante sua vida. Em contraste, Maria Martins estava entre os artistas mais espetacularmente bem-sucedidos de sua época, com quatro exposições individuais em Nova York entre 1943 e 1947, além de aquisições por museus proeminentes como MoMA, Baltimore Museum of Art, Museum of Fine Arts, Houston, Cleveland Museum of Art, Albright-Knox Art Gallery, Pasadena Art Museum e San Francisco Museum of Art. Apesar de seu notável legado, as contribuições de Maria foram injustamente ignoradas

Em *Maria and Mondrian: The Unexpected Encounter of the Surreal and the Concrete*, Nara Roesler reúne um grupo de esculturas únicas e marcantes de Maria Martins, de seu período amazônico, ao lado de obras de artistas cujas práticas se envolvem com os elementos fundamentais da abstração ligados ao legado de Mondrian. A exposição apresenta a versão de Vik Muniz de *Broadway Boogie Woogie*, ao lado de obras de Abraham Palatnik, Amelia Toledo, Sheila Hicks, María Eugenia Dávila e Eduardo Portillo, José Patricio, Fabio Miguez, Julio Le Parc e Marco Maggi - representando uma linhagem de abstração dos anos 1950 até os dias atuais.



Uma das maiores representantes das vertentes surrealistas na arte brasileira, a escultora **Maria Martins** (1894-1973) iniciou sua trajetória artística nos Estados Unidos na década de 1940. O país norte-americano, durante aquele período, era palco de novos desdobramentos do Surrealismo iniciado na Europa décadas antes: por conta da Segunda Guerra que afetava com força a Europa, muitos representantes desse movimento, e não somente, mudavam-se para Nova York, trazendo contribuições relevantes para o contexto local.

Maria Martins

Chanson en suspens, c. 1945

bronze

47 x 38,5 x 34,5 cm

foto: Jaime Acioli

coleção privada



O trabalho de Martins emerge desse “caldo” surrealista, mas carrega grande originalidade, a começar que a matéria prima dos mesmos é o bronze, liga metálica amplamente empregada na história da escultura. Nos trabalhos da artista, como em *Apuiseiro* (1943); *Uirapurú* (1944); *Chansons en Suspens* (1945) e *O Implacável* (1947), o bronze adquire feição completamente biomórfica



Maria Martins
O implacável, c. 1947
bronze e base madeira
63 x 92 x 21 cm
Tuiuiu Collection
Chanson en suspens



Os seres e estruturas
por ela criados fundem
elementos humanóides
como silhuetas, gestos e
posições, com estruturas
similares a raízes,
tubérculos, patas e garras,
criando assim estranhos
seres híbridos, combinação
dos mundos humano,
vegetal e animal.



Maria Martins
Uirapurú, 1944
bronze
95 x 44 x 38 cm
foto: Jaime Acioli
coleção privada





Maria Martins
Apuiseiro, 1943
bronze
65 x 25 x 30 cm
foto: Jaime Acioli
coleção privada



[mais sobre a artista →](#)



Em seu trabalho, **Vik Muniz** explora os limites das representações nas artes visuais, ligando sua produção a um desejo de entender o estado atual do mundo. Usando materiais brutos como papel de espinho, algodão, açúcar, chocolate ou lixo, o artista compõe meticulosamente paisagens, retratos ou outras representações, oferecendo alternativas de representação e compreensão desses materiais e das imagens que eles criam. Uma de suas séries mais proeminentes consiste em reinterpretações de grandes obras da história da arte com materiais comuns.

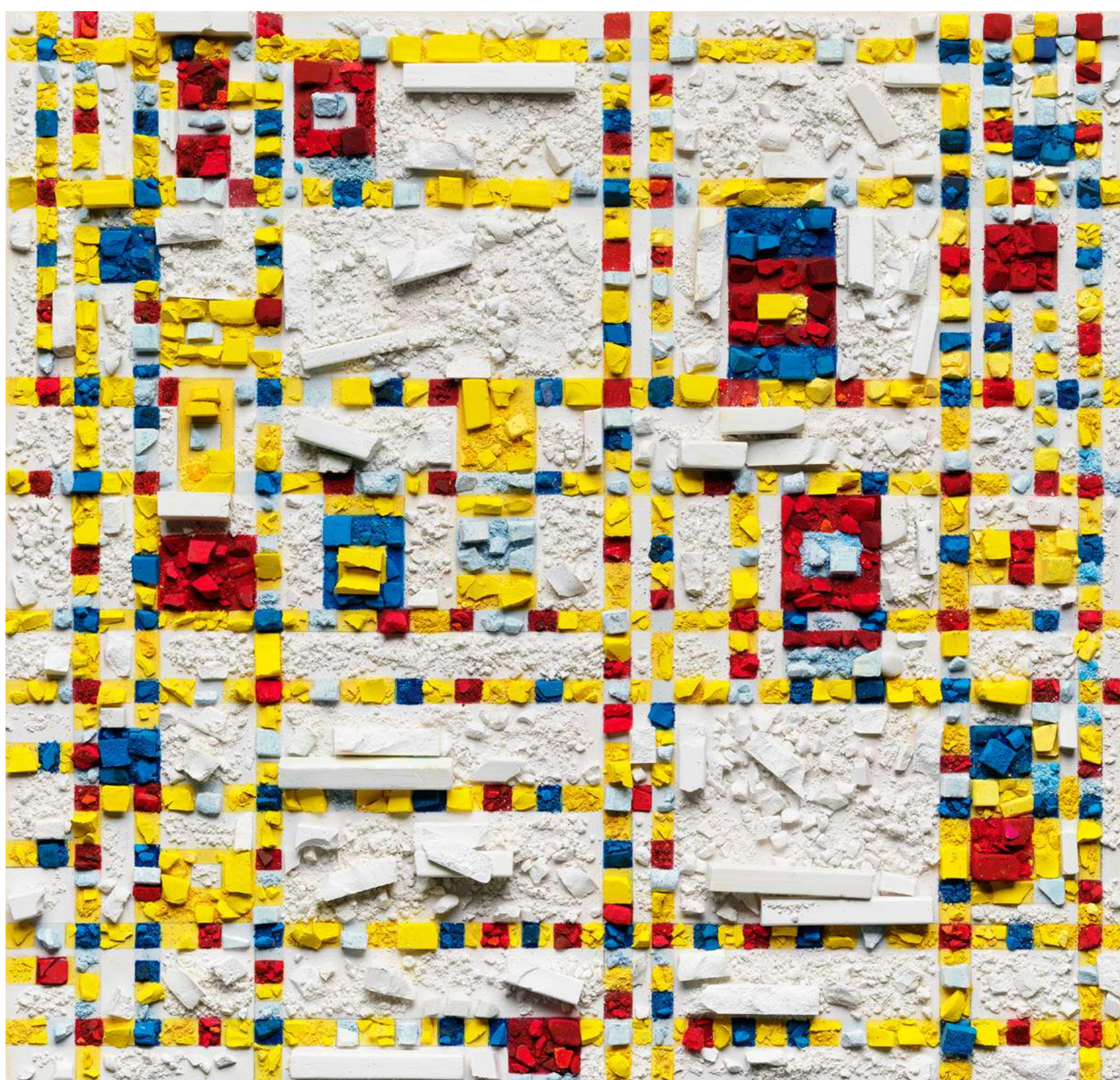
Vik Muniz

*Broadway Boogie Woogie, a partir
de Piet Mondrian (série Metachrome), 2016*

impressão de pigmento sobre papel de algodão

edição de 6 + 4 PA

160 x 167 cm



É o caso de *Broadway Boogie Woogie* a partir de Piet Mondrian, de 2016, no qual a obra objeto de reinterpretação é *Broadway Boogie Woogie*, um dos últimos trabalhos do artista holandês. Na obra original, Mondrian acrescenta a sua grelha geométrica, formada por linhas retas e quadrantes assimétricos, pequenos quadrados de cores luminosas, trazendo para o trabalho ritmo e dinamismo.



Na releitura de Vik, a composição segue a mesma regra geométrica, porém é construída através de pequenos blocos de pigmento colorido, que são dispostos com sua natureza gasta, imperfeita, por vezes se esfarelando, acrescentando textura para a obra original.



vista da exposição
Handmade, 2016
Nara Roesler São Paulo, Brasil
Foto: Everton Ballardin

Vik Muniz

Handmade: Sem título

(Tonal Scale - Yellow), 2016

técnica mista sobre impressão

de jato de tinta em papel archival

147,5 x 236 cm



Em *Handmade*, também de 2016, o artista recria uma composição construtiva em escala tonal amarela com post-its, trazendo assim as propriedades da geometria para objetos de uso cotidiano.





[mais sobre o artista →](#)

vista da exposição
Handmade, 2016

Nara Roesler São Paulo, Brasil
Foto: Everton Ballardin



Julio Le Parc, Biennale di Venezia, 1966.

Julio Le Parc é um dos pioneiros da arte cinética na arte mundial, e que trouxe importantes contribuições nesse sentido. Tendo realizado sua formação artística na Argentina entre as décadas de 1940 e 1950, o artista foi impactado pelas discussões referentes à pintura abstrata geométrica, cada vez mais presentes no país e em toda a América Latina. Seguindo esse pressuposto, defendia que a obra de arte deveria ser livre de elementos figurativos e subjetivos, devendo se ater somente aos elementos pictóricos que compunham a superfície do quadro através do estudo de suas forças compositivas de forma “pura”, isto é, sem estarem por trás de elementos figurativos.

Julio Le Parc

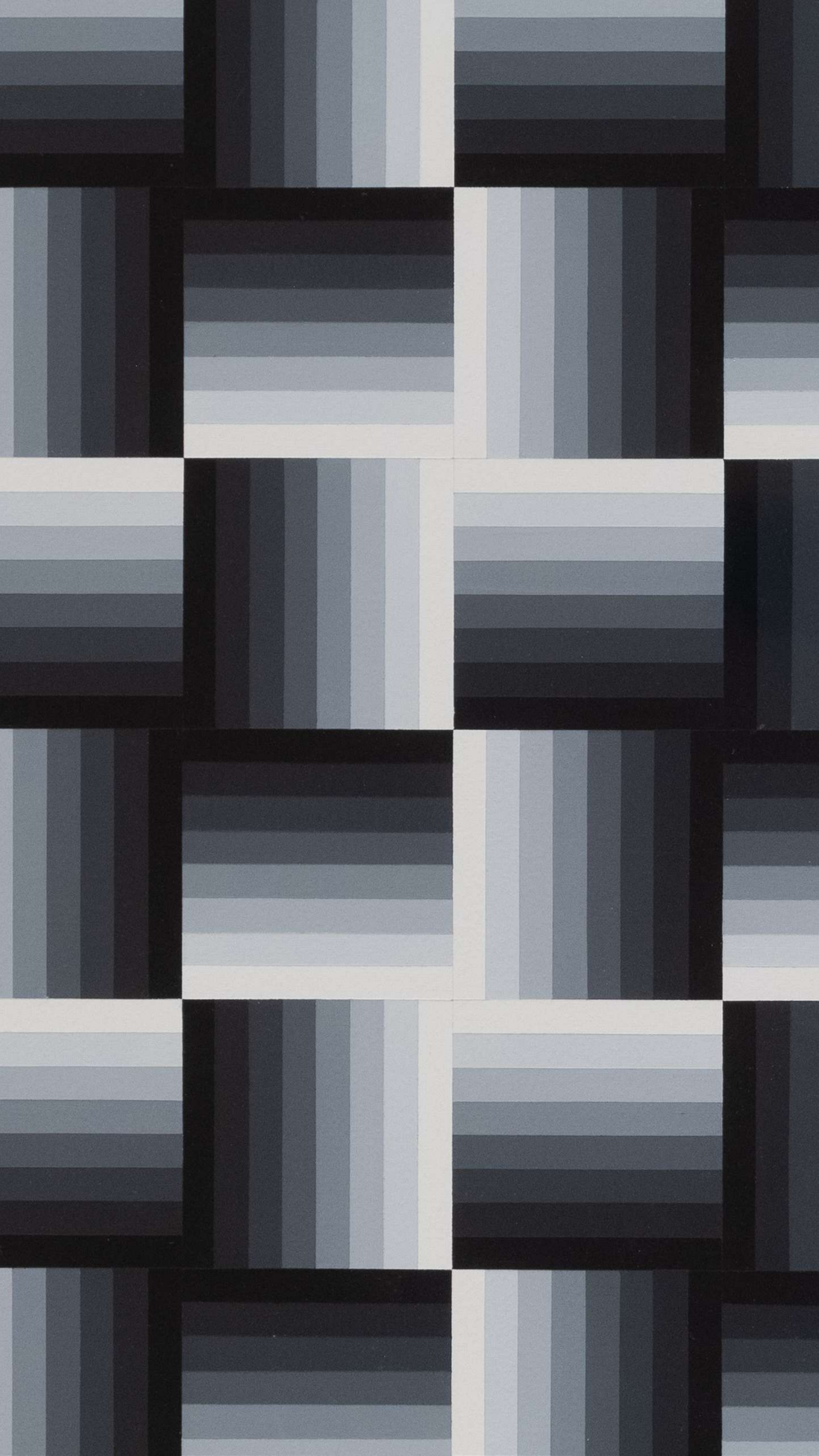
Gamme à quatre positions, 1959-1972

guache sobre compensado

49,5 x 49,5 cm



Dessa forma, se valendo apenas de linhas, planos e cores, bem como da relação que esses elementos estabelecem entre si, Le Parc estuda valores pictóricos como movimento, instabilidade e progressão, como acontece em *Gamme à quatre positions* (1959). Ainda que esse tipo de composição seja baseada na racionalidade, na matemática e na ausência de subjetividade, trabalhos dessa série carregam uma sensação de equilíbrio instável, envolvendo o espectador através de um jogo visual vibrante e que acabaria por se desdobrar nas futuras pesquisas do artista.





vista da exposição
Uma vista contínua, 2013
Nara Roesler São Paulo, Brasil
Foto: Everton Ballardin

[mais sobre o artista →](#)



Sheila Hicks, 2019. Foto: Katja Illner

Sheila Hicks é uma artista importante do final do modernismo e uma pioneira no uso de técnicas têxteis na arte, com uma presença proeminente na arte contemporânea desde a década de 1960. Após estudar na Yale Art School, ela viajou extensivamente, focando em práticas têxteis em vários países. Seu trabalho investiga a escala, desde o minimal até o monumental, borrando os limites entre arte, design, artesanato e arquitetura, com a cor sempre em destaque, lembrando suas origens na pintura. Hicks utiliza uma vasta gama de materiais, incluindo materiais biodegradáveis em experimentos recentes, buscando criar experiências memoráveis e duradouras.

vista da exposição
Biennale di Venezia, 2017
Arsenale, Veneza, Itália



O fator principal a ser explorado é a cor. Nos trabalhos em questão, intitulados *Altiplano* (2025) e *Reversible entrance to Infinity* (2023), a artista lança mão de um cromatismo intenso e luminoso. Essas faixas cromáticas vão suavemente transicionando para diferentes tons de uma mesma cor ou criando um progressivo contraste com cores diferentes. Esse efeito é criado através de material têxtil, no caso, linho e algodão. Assim, Hicks explora o efeito cromático-luminoso brilhante a partir da sequência de finas linhas têxteis, que criam as transições e fazem a superfície vibrar.



Sheila Hicks
Altiplano, 2025
linho, algodão e
suporte de madeira
139,7 x 129,5 cm



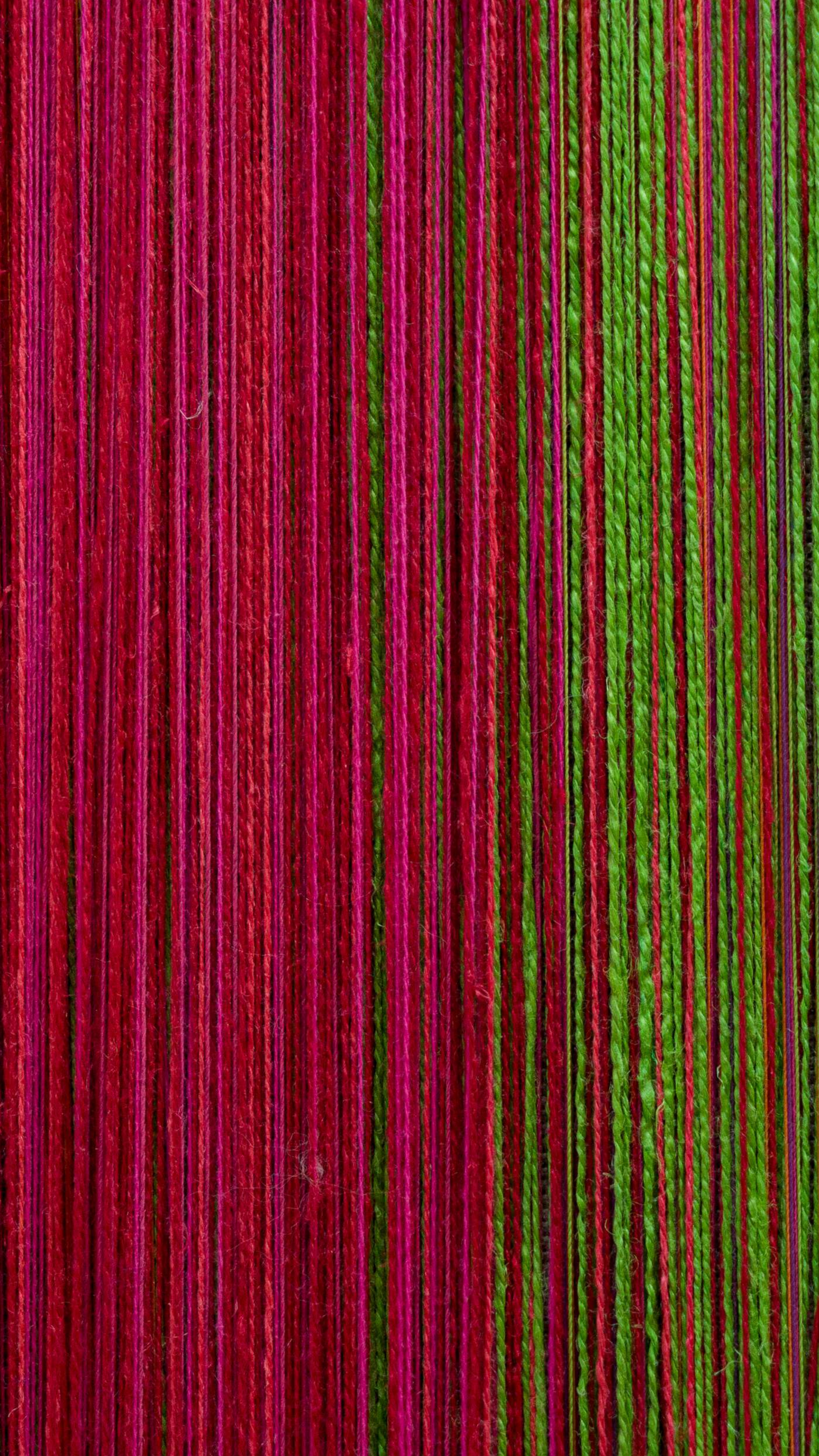
Sheila Hicks

Reversible Entrance to infinity, 2023

linho e suporte de madeira

80 x 40 x 2,5 cm





Sheila Hicks

Pillar of Inquiry/Supple Column, 2013-14

exhibition *Surrounds: 11 installations*,
Museum of Modern Art (MoMA),
Nova York, USA



[mais sobre a artista →](#)

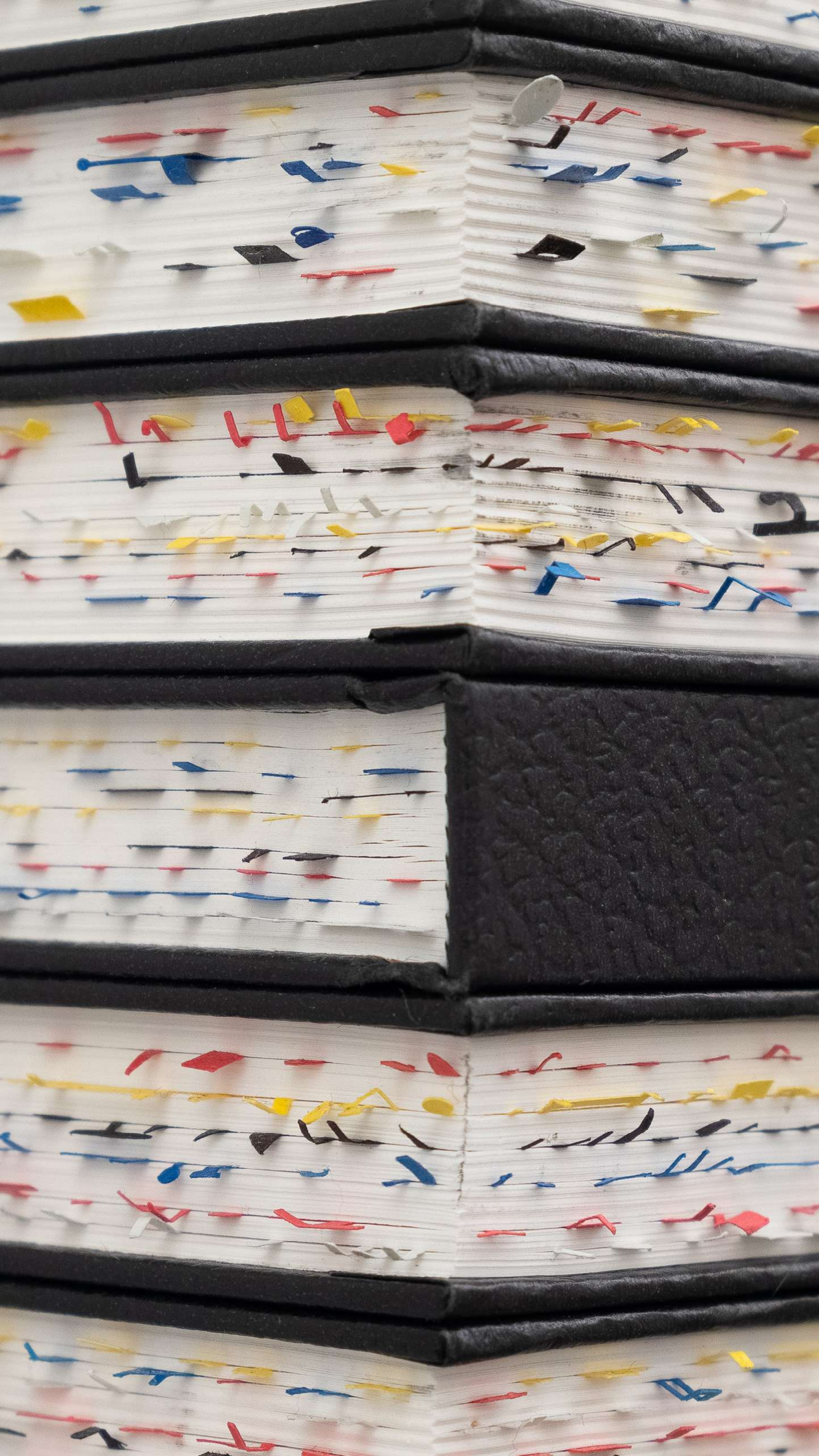


Dentre os nomes contemporâneos que investigam a forma e seus desdobramentos, um dos mais expressivos nomes é o do artista **Marco Maggi**. Desenhista, ele cria em sua poética intrincados padrões e signos, quase sempre geométricos. Esses elementos se materializam tanto a partir de um lápis no papel quanto em colagens, que o mesmo realiza a partir de fragmentos de papéis, produzidos a partir de incisões que Maggi executa através de um estilete. Dessa maneira, seu desenho não fica restrito ao bidimensional, se desdobrando também sob o suporte e almejando a espacialidade.

Marco Maggi
Stacking Quotes, 2012
cadernos com colagens
de recortes adesivos
22 x 14 x 18 cm

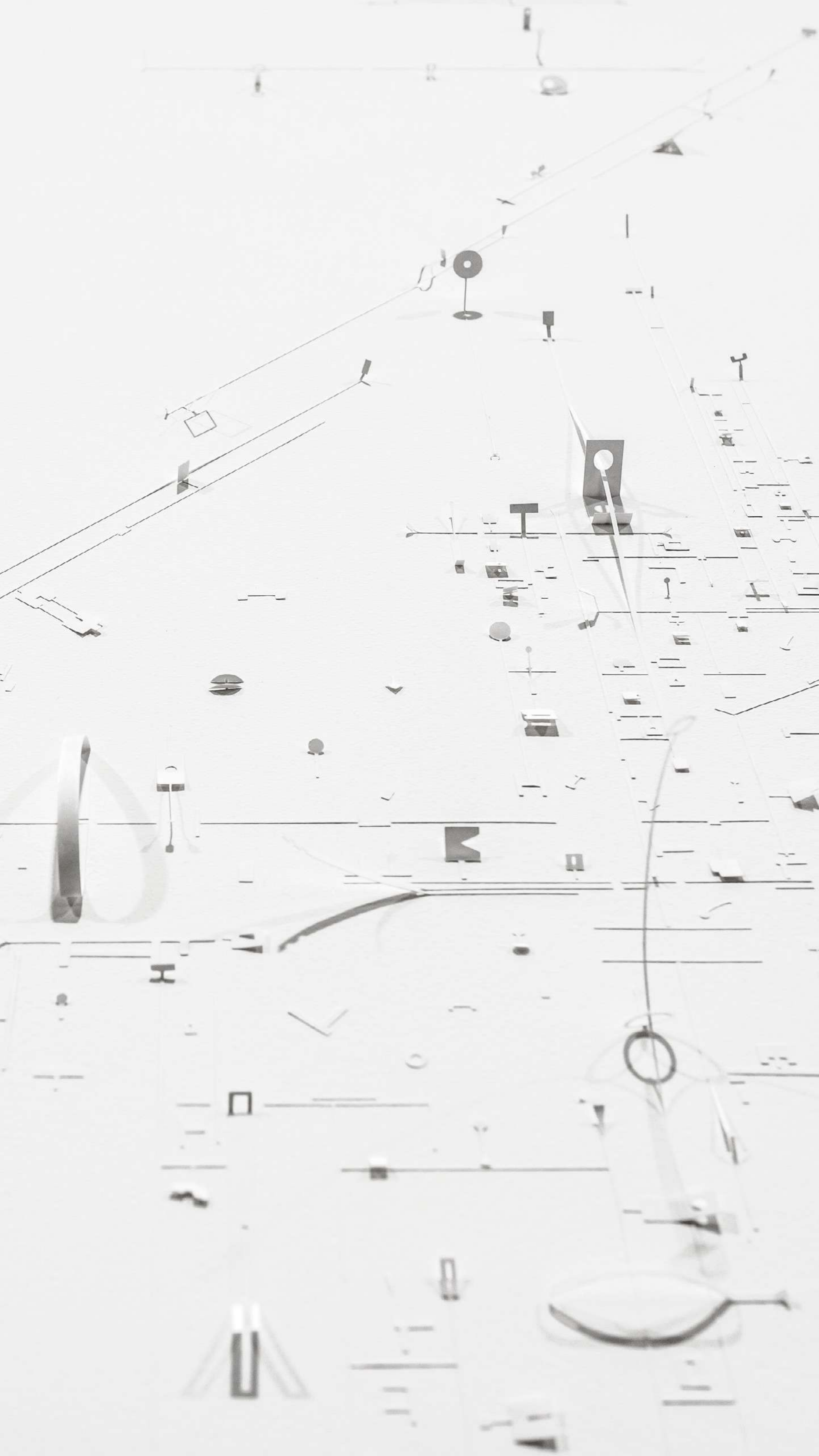


Contudo, tais jogos visuais são de tamanho extremamente diminuto. Para Maggi, a sociedade atual, ainda que bombardeada por informações, tem dificuldade de enxergar o mundo que o rodeia com a devida atenção, dado que o ritmo das informações é extremamente apressado. Visando contornar isso, cria composições e intervenções extremamente diminutas, impossíveis de serem percebidos a distância ou numa única mirada. Trata-se de um trabalho que obriga o espectador a se deter e pausar diante da observação do mesmo.



vista da exposição
Handmade, 2016
Nara Roesler São Paulo, Brasil
Foto: Everton Ballardin

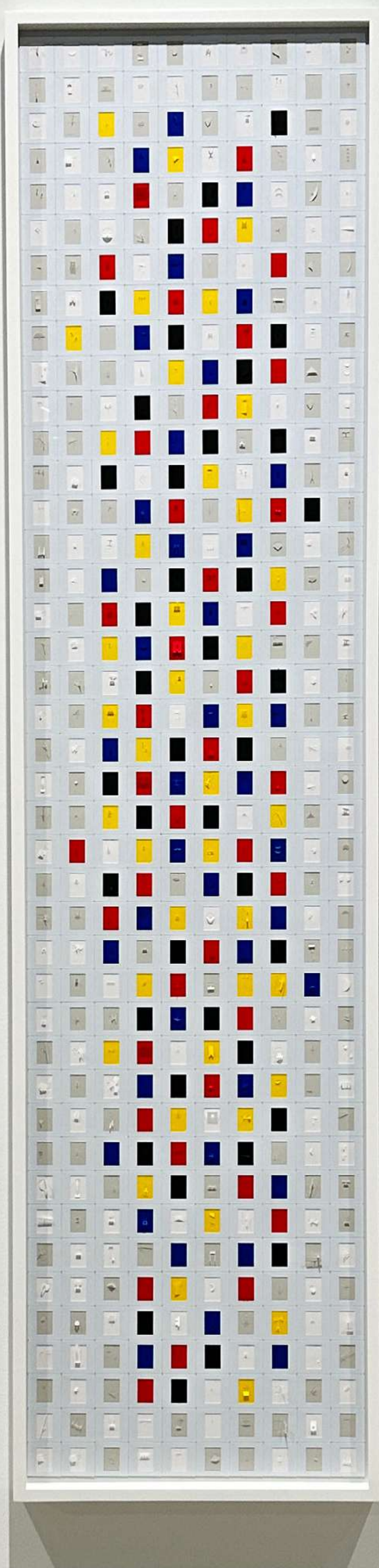




Marco Maggi

Sliding, 2025

cortes e dobras em fohas de
papel colorido e molduras
de slides 35mm sobre Dibond
216,5 x 55 cm



[mais sobre o artista →](#)





Eduardo e Maria Eugênia Dávila Portillo são dois artistas venezuelanos que exploram o construtivismo por meio de técnicas tradicionais de tecelagem. A dupla se dedicou a aprender técnicas de criação de bicho-da-seda na Venezuela, tecendo com fibras de origem local e tingindo com corantes naturais. Atualmente estabeleceram todo o processo de fabricação da seda: cultivo de amoreiras nas encostas dos Andes, criação de bichos-da-seda, obtenção dos fios, coloração com corantes naturais, design e tecelagem de tecidos inovadores.

Eduardo and María
Eugenia Dávila Portillo

Desplazamiento

de amarillos, 2019

seda, fibra de palma de moriche,
fibra de alpaca, fio metálico
e corantes naturais

212 x 63 cm



Eduardo and María
Eugenia Dávila Portillo

Sem título III, 2019

seda, fibra de palma de buriti,
fibra de alpaca, fio metálico, folha
de prata e corantes naturais

216 x 55 cm





vista da exposição
Espacio extendido, 2018
Caa la trinidad, Caracas, Venezuela



vista da exposição
Azul Indigo, 2018
Taller Morera, Caracas, Venezuela

[mais sobre os artistas →](#)

**abraham
palatnik**



Abraham Palatnik in his studio. Foto: Vicente de Mello

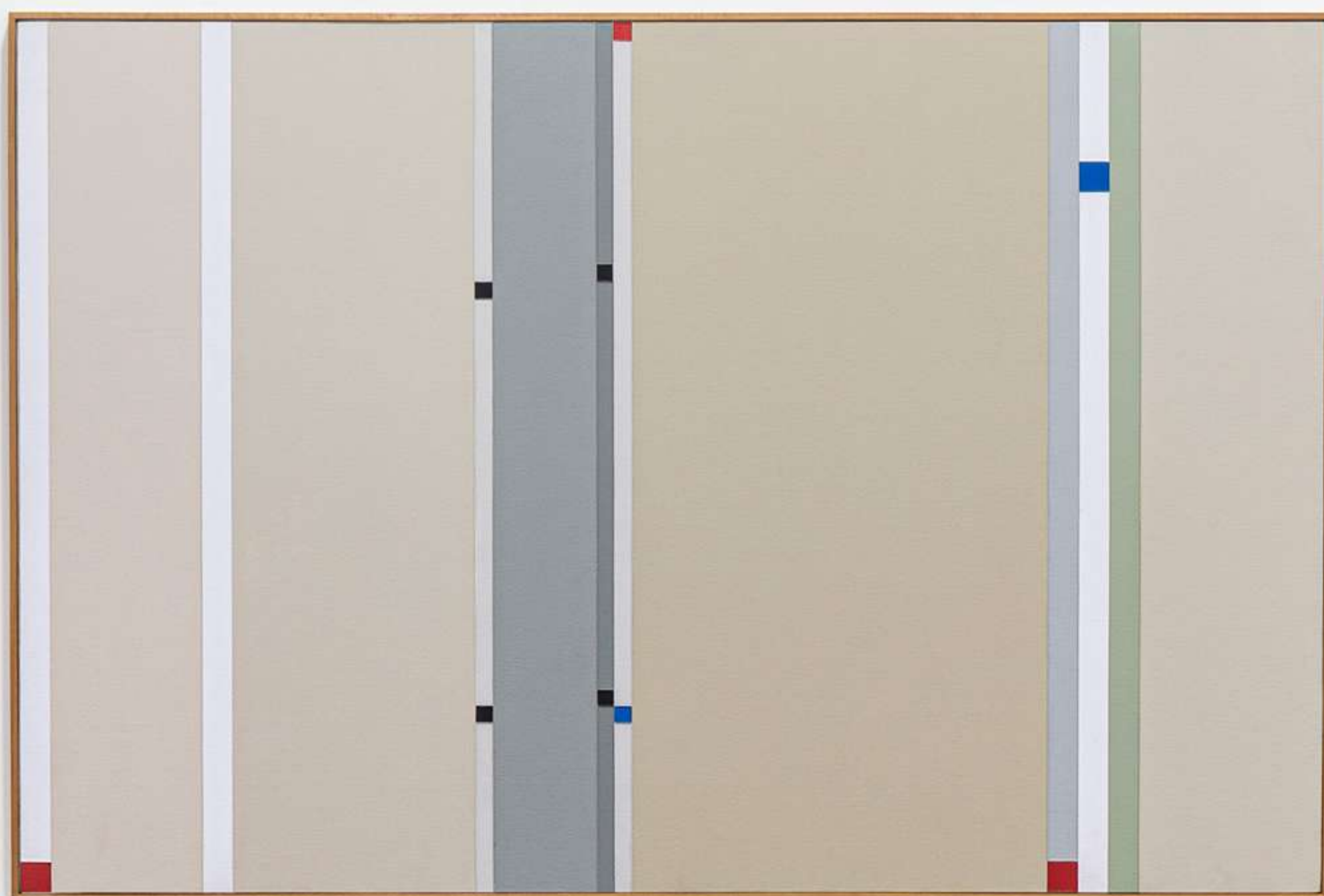
Outro importante nome da arte cinética mundial foi **Abraham Palatnik**. Seus trabalhos investigavam movimento e luz se valendo dos mais diversos suportes, como caixas de luz, superfícies de vidro friável, placas de vidro e resinas. Contudo, a exploração de formas regulares também está presente em alguns de seus trabalhos, como *Sem Título* (1984) e *T-04* (2004).

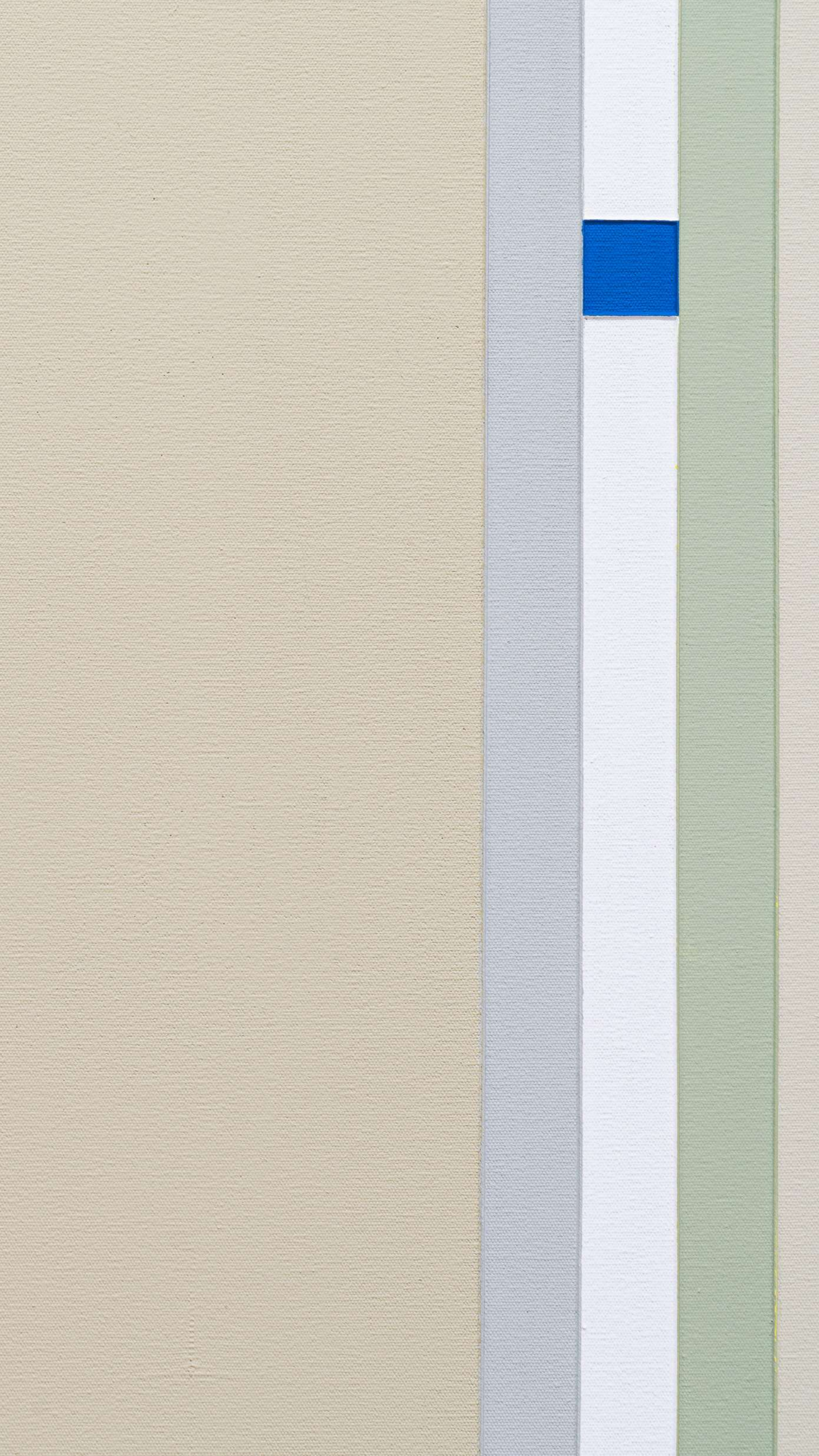
Abraham Palatnik

Sem título, 1984

tinta acrílica e cordas sobre tela

100,5 x 150,5 x 2,5 cm





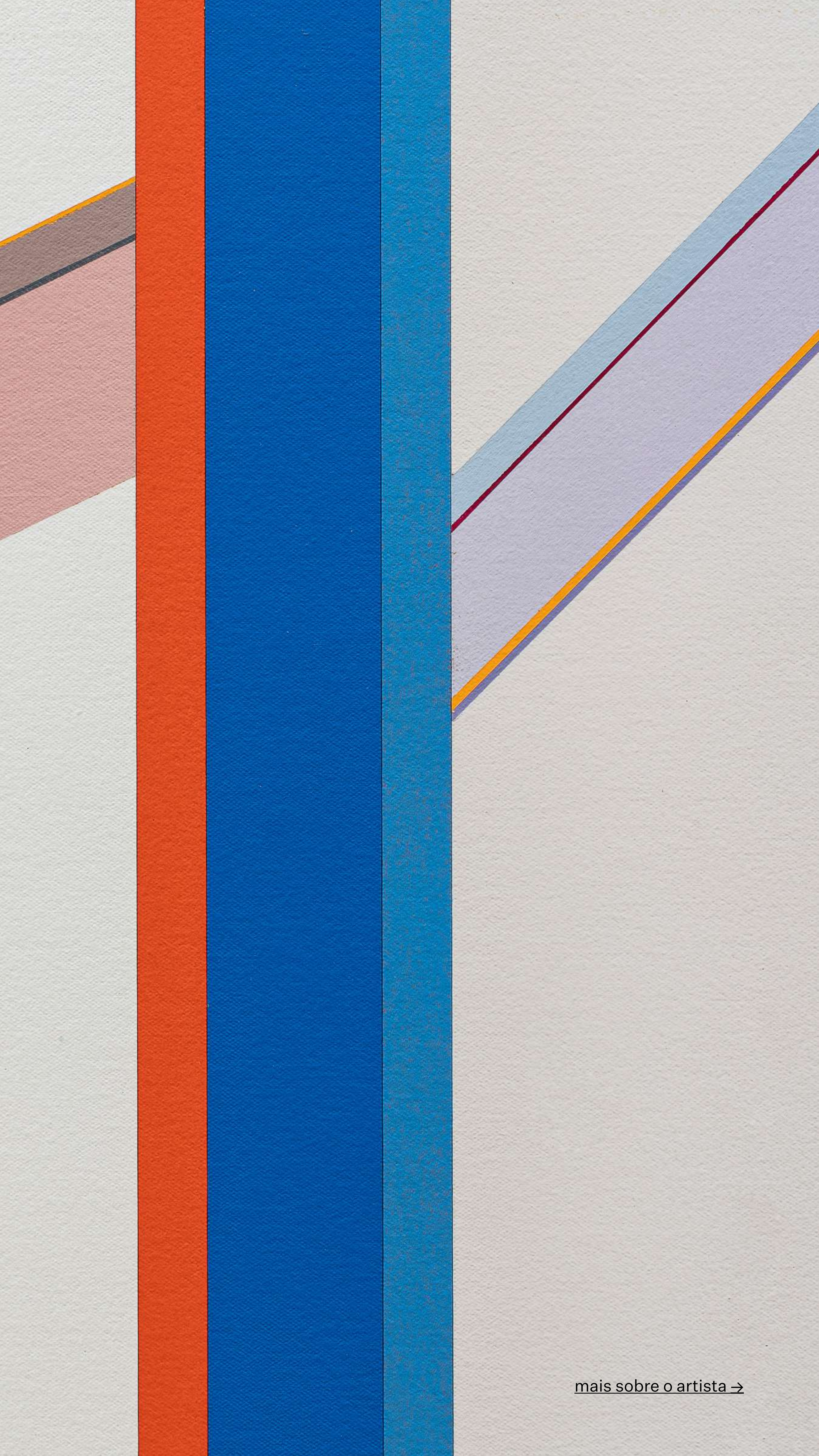
vista da exposição
The Illusive Eye, 2016
El Museo del Barrio,
Nova York, EUA





Abraham Palatnik
T-04, 2004
tinta acrílica sobre tela
120 x 187 cm





[mais sobre o artista →](#)



Amelia Toledo. Foto: Paulo França

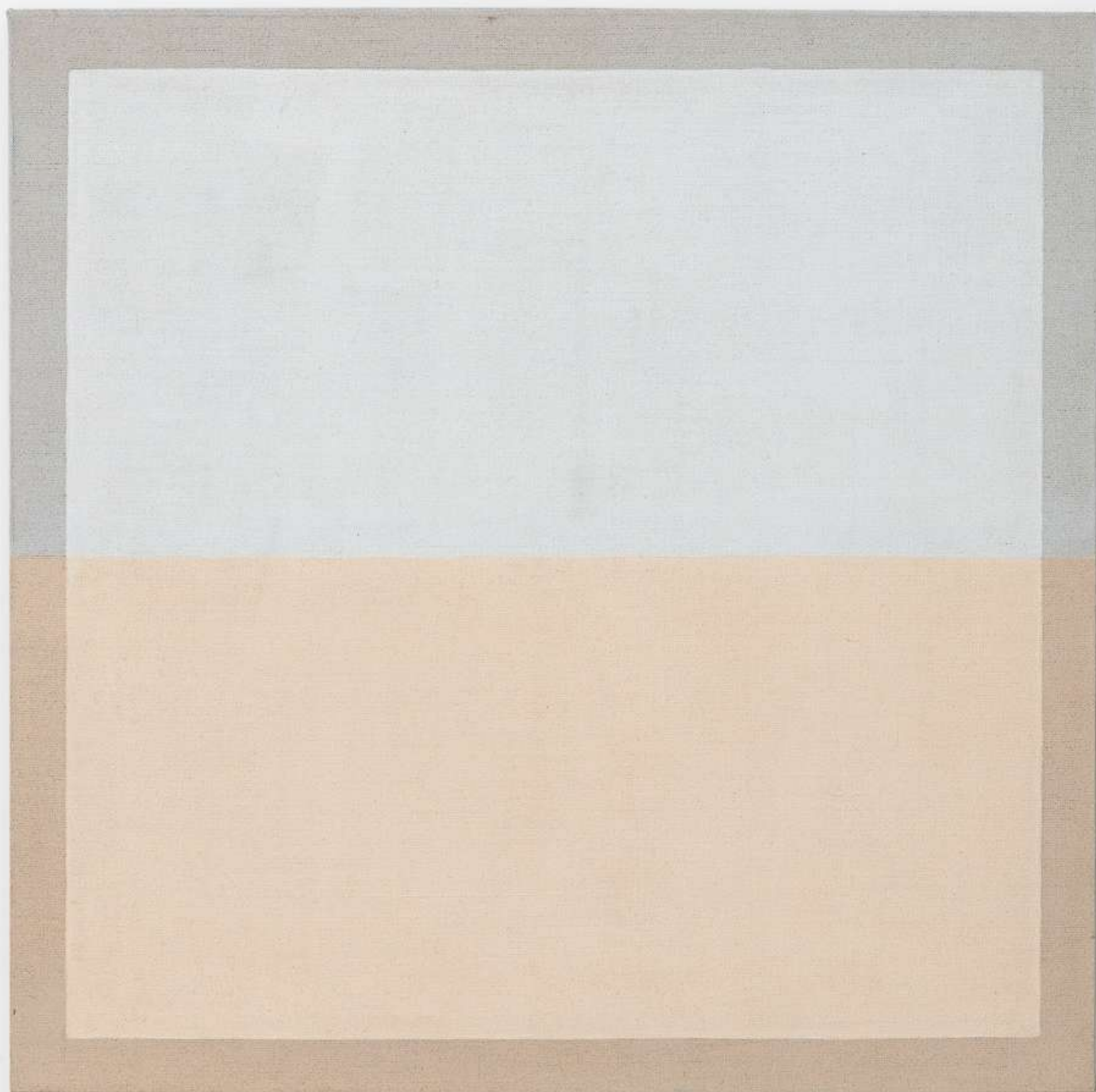
Em **Amelia Toledo**, o elemento construtivo aparece nas pinturas da série Horizontes, que a artista desenvolve a partir da década de 1990. Essa geometria surge aqui através de um olhar para a paisagem o principal elemento que a compõe: a linha do horizonte. Nesses trabalhos, duas áreas de cor dividem o espaço, compondo gradações que denotam as margens. Sua economia visa a exatidão, ela atinge a pintura em seu cerne, no limiar entre a representação e a abstração, voltando-se para a própria materialidade do meio. Nessas composições as cores formam pares por proximidade não só espacial, mas tonal.

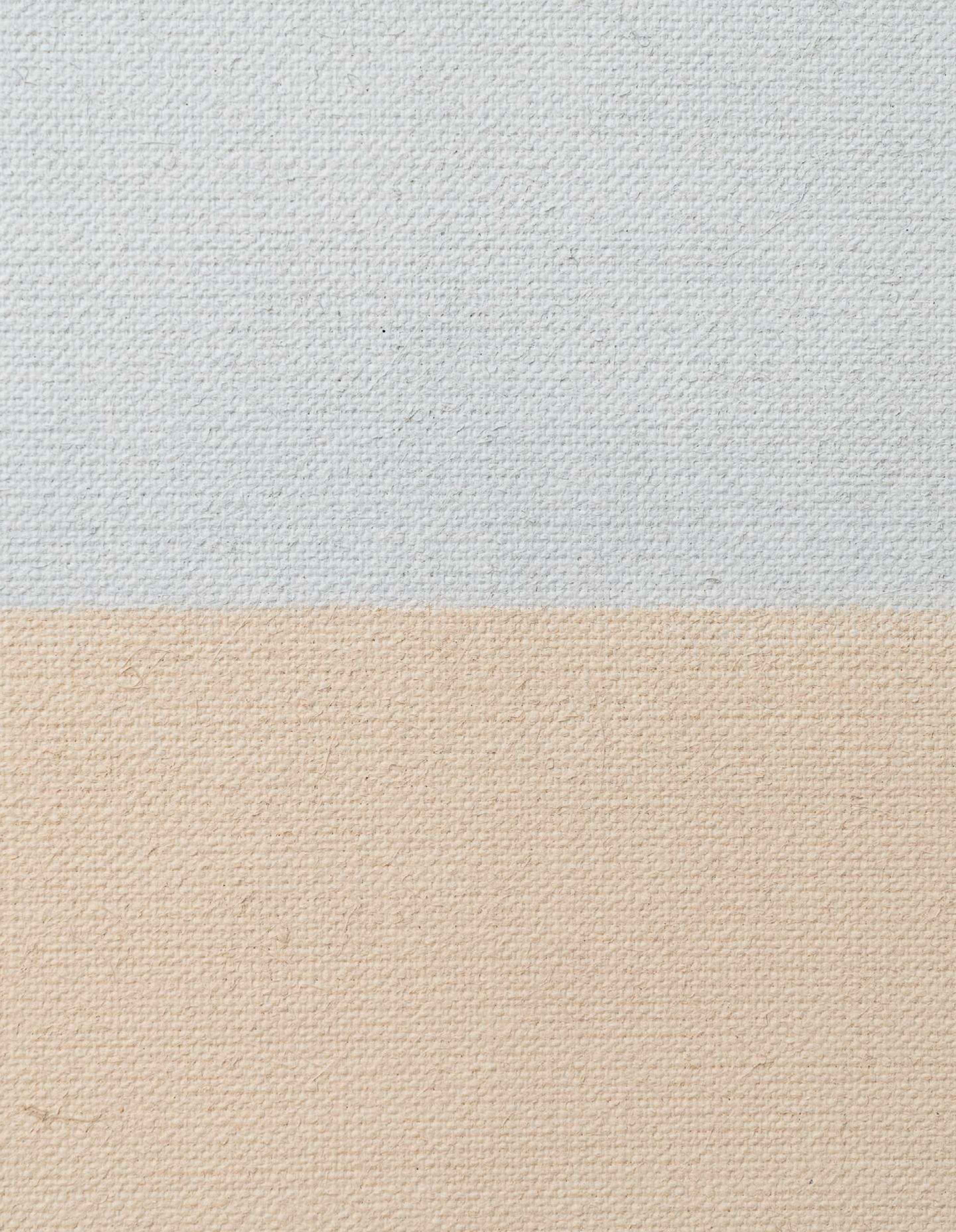
Amelia Toledo

Horizonte (série Horizontes), 2014

tinta acrílica sobre linho

100 x 100 x 3,5 cm





Segundo a artista, esse conjunto “A série Pinturas de Horizonte, em tinta acrílica sobre tecido de trama grossa, transpõe para o espaço da pintura a questão dos limites. Dois campos de cor se limitam na tela e seu contorno evidencia o tecido do suporte. O horizonte sugere toda sorte de associações e aqui ele conversa com o suporte e o enquadramento.”

Horizons, vista da exposição
Amélia Toledo: Paisagem Cromática, 2024
MuBE, São Paulo, Brasil



stand Nara Roesler
Frieze LA, 2022
Los Angeles, USA



[mais sobre a artista →](#)



Em **José Patrício**, a matéria prima de suas composições cinéticas são pequenos elementos presentes em nosso cotidiano: peças de dominós, botões, dados e quebras cabeças, em geral encontrados nos mercados populares. Na série Recipientes, o artista usa como elemento base pequenas peças de quebra cabeça de plástico. Visando criar um jogo visual com as cores azul, vermelho e branco, ele encomendou diretamente da fábrica tais peças nessa gama de cores. Assim, tendo como possibilidade determinado número de peças e cores, vai organizando esses elementos de forma a explorar as possíveis interações cromáticas e efeitos visuais ali criados. Por mais que seus trabalhos sejam construídos por meio do cálculo de possibilidades e de uma organização milimétrica, o jogo visual e seu impacto resultantes do produto final são sempre imprevisíveis.

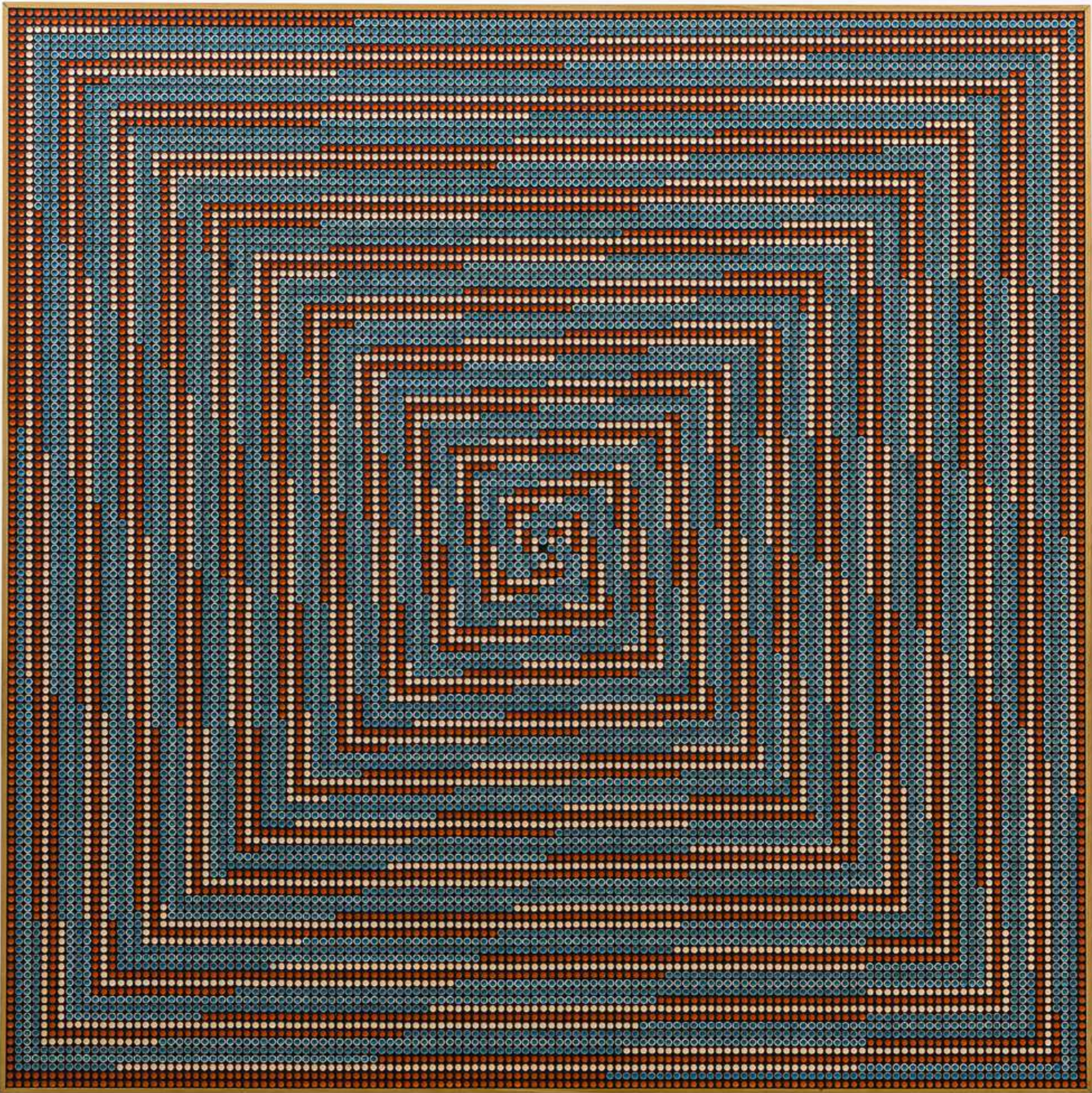


José Patrício

*Recipientes - acumulação progressiva
crescente em azul, vermelho e branco, 2017*

esmalte sintético sobre peças de quebra-
cabeças de plástico sobre madeira

183,5 x 183,5 x 4 cm





vista da exposição
Agitações pelo número, 2024
Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil





vista da exposição

Geometria do acaso, 2023

Nara Roesler New York, USA

[mais sobre o artista →](#)



Fabio Miguez, 2025. Foto: Charles Rossell.

Fabio Miguez, por sua vez, tem realizado ao longo das últimas duas décadas de sua poética investigações sobre elementos históricos do construtivismo, em especial seus desdobramentos no Brasil. Com uma mistura de tinta a óleo e cera de abelha, o artista faz com que suas composições tenham uma coloração e textura mais ásperas, com efeitos similares aos da têmpera, o que faz com que suas telas lembrem afrescos. Suas cores, bem como a materialidade, também lembram trechos de composições do pintor modernista ítalo-brasileiro Alfredo Volpi. Em muitos trabalhos, Miguez faz releituras do pintor, transformando pequenos trechos e situações geométricas dos quadros do mesmo em trabalhos de grandes dimensões

Fabio Miguez
Sem título, 2022
tinta óleo e cera sobre linho
189 x 110 x 3,5 cm







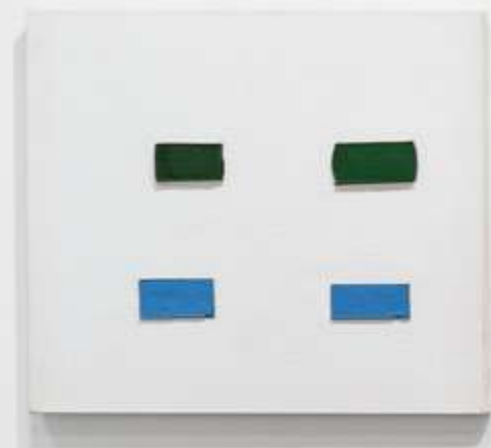
vista da exposição
Fabio Miguez: Icnografias, 2023
Nara Roesler New York, EUA

vista da exposição

Cinza das horas, 2023

Mendes Wood DM, Bruxelas, Bélgica





vista da exposição
Masp Geométrias, 2025
Masp, São Paulo, Brasil

[mais sobre o artista →](#)

[click here to go back to the beginning of the preview](#) ↑

mais sobre o artistas

maria martins

n. 1894, Campanha, Brasil

m. 1973, Rio de Janeiro, Brasil

Artista importante do modernismo internacional, começou sua carreira tardiamente, mas sua presença no cenário artístico foi marcante principalmente nos anos 1940 e 1950, quando viveu entre os EUA e a França e manteve colaboração com figuras como André Breton, Marcel Duchamp e Piet Mondrian. O crítico e historiador da arte Michel Seuphor se referiu a Maria Martins em livro de 1959 como “a grande escultora do surrealismo”. Seu trabalho, que inclui temática indígena brasileira, foi descrito como “poesia tropical”.

Em sua poética, majoritariamente escultórica, ainda que existam também pinturas e desenhos, a artista faz menção ao mundo tropical. No início dos anos 1940, utilizava como matéria prima algumas madeiras nativas do Brasil, como o Jacarandá. Posteriormente, esse papel passa a ser ocupado pelo bronze. As referências ao Brasil e ao universo dos trópicos, contudo, aparece não apenas através dos títulos, que fazem alusão a lendas indígenas e amazônia brasileira, mas também pela característica biomórfica dos trabalhos: Com estruturas similares a raízes, patas e garras, Martins cria seres híbridos que combinam elementos dos mundos humano, vegetal e animal. Ela aproxima, dessa forma, o bronze e a sua maleabilidade a um universo no qual as formas se tornam sinuosas e imprevisíveis, em uma configuração rizomática e biológica.

selected solo exhibitions

- *Maria Martins: Desejo Imaginante*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2021)
- *Maria Martins - Metamorfoses*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM), São Paulo, Brasil (2013)

selected group exhibitions

- 60ª Bienal de Veneza (2024)
- *A Coleção Imaginária*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2023)
- *Oito Décadas de Abstração Informal*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Tarsila e Mulheres Modernas no Rio*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- dOCUMENTA (13), Kassel, Alemanha (2012)

selected collections

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- The Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA

- Philadelphia Museum of Art, Philadelphia, EUA
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

n. 1961, São Paulo, Brasil

A obra de Vik Muniz questiona e tensiona os limites da representação. Apropriando-se de matérias-primas como algodão, açúcar, chocolate e até lixo, o artista meticulosamente compõe paisagens, retratos e imagens icônicas retiradas da história da arte e do imaginário da cultura visual ocidental, propondo outros significados para esses materiais e para as representações criadas.

Para a crítica e curadora Luisa Duarte, “sua obra abriga uma espécie de método que solicita do público um olhar retrospectivo diante do trabalho. Para ‘ler’ uma de suas fotos, é preciso indagar o processo de feitura, os materiais empregados, identificar a imagem, para que possamos, enfim, nos aproximar do seu significado. A obra coloca em jogo uma série de perguntas para o olhar, e é nessa zona de dúvida que construímos nosso entendimento”.

Muniz também se destaca pelos projetos sociais que coordena, partindo da arte e da criatividade como fator de transformação em comunidades brasileiras carentes e criando, ainda, trabalhos que buscam dar visibilidade a grupos marginalizados na nossa sociedade.

exposições individuais selecionadas

- *Flora Industrialis*, Museo Universidad de Navarra, Pamplona, Espanha (2023)
- *Dinheiro Vivo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Fotocubismo*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
- *Vik Muniz*, Sarasota Museum of Art (SMOA), Ringling College of Art and Design, Sarasota, EUA (2019)
- *Imaginária*, Solar do Unhão, Museu de Arte Moderna de Salvador (MAM-BA), Salvador, Brasil (2019)
- *Vik Muniz: Verso*, Belvedere Museum Vienna, Viena, Áustria (2018)
- *Afterglow – Pictures of Ruins*, Palazzo Cini, Veneza, Itália (2017)
- *Relicário*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Fantastic Visions: Surreal and Constructed Images*, Amarillo Museum of Art, EUA (2022)
- *Art of Illusion*, Nelson-Atkins Museum of Art, Kansas City, EUA (2021)
- *Citizenship: A Practice of Society*, Museum

of Contemporary Art, Denver, EUA (2020)

- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Naar Van Gogh*, Vincent van GoghHuis, Zundert, Países Baixos (2018)
- *Troposphere – Chinese and Brazilian Contemporary Art*, Beijing Minsheng Art Museum, Pequim, China (2017)
- *Look at Me!: Portraits and Other Fictions from the “la Caixa” Contemporary Art Collection*, Pera Museum, Istambul, Turquia (2017)
- *Botticelli Reimagined*, Victoria & Albert Museum, Londres, Reino Unido (2016)
- 56ª Bienal de Veneza, Itália (2015)
- 24ª Bienal de São Paulo, Brasil (1998)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madrid, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Tóquio, Japão
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido
- Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA

voltar ao trabalho do artista ↑

julio le parc

n. 1928, Mendoza, Argentina

vive e trabalha em Cachan, França

Julio Le Parc é reconhecido internacionalmente como um dos principais nomes da arte óptica e cinética. Ao longo de seis décadas, ele realizou experiências inovadoras com luz, movimento e cor, buscando promover novas relações entre arte e sociedade a partir de uma perspectiva utópica. Suas telas, esculturas e instalações abordam questões relativas aos limites da pintura a partir de procedimentos que se aproximam da tradição pictórica na história da arte, como o uso de acrílico sobre tela, ao mesmo tempo que investigam potencialidades cinéticas em *assemblages*, instalações e aparelhos maquínicos que exploram o movimento real e a atuação da luz no espaço.

Pioneiro do gênero óptico e cinético, Julio Le Parc foi cofundador do Groupe de Recherche d’Art Visuel (1960–1968), coletivo de artistas que se propunha a incentivar a interação do público com a obra, a fim de aprimorar suas capacidades de percepção e ação. De acordo com essas premissas, somadas à aspiração, bastante disseminada na época, de uma arte desmaterializada, indiferente às demandas do mercado, o grupo se apresentava em locais alternativos e até na rua. As obras e instalações de Julio Le Parc, feitas com nada além da interação entre luz e sombra, são resultado direto desse contexto, no qual a produção de uma arte fugaz e não vendável assumia claro tom sociopolítico.

[clique para ver o cv completo](#)

- exposições individuais selecionadas

 - Julio Le Parc: *The Discovery of Perception*, Palazzo Delle Papesse, Siena, Itália (2024)
 - Julio Le Parc: *Couleurs*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2024)
 - Quintaesencia*, Museo de Arte Contemporáneo Atchugarry (MACA), Punta del Este, Uruguai (2023)
 - Julio Le Parc: *Un Visionario*, Centro Cultural Néstor Kirchner, Buenos Aires, Argentina (2019)
 - Julio Le Parc 1959, Metropolitan Museum of Art (Met Breuer), Nova York, EUA (2018)
 - Julio Le Parc: *Da forma à ação*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2017)
 - Julio Le Parc: *Form into Action*, Perez Art Museum, Miami, EUA (2016)

- exposições coletivas selecionadas

 - Electric Dreams: Art and Technology Before the Internet*, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2024)
 - Parallel Inventions: Julio Le Parc, Heinz Mack*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
 - Action <-> Reaction: 100 Years of Kinetic Art*, Kunsthal Rotterdam, Rotterdam,

- Países Baixos (2018)

 - The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Museum of Modern Art, Varsóvia, Polônia (2017)
 - Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, II Pacific Standard Time: LA/LA (II PST: LA/LA), Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)
 - Retrospect: Kinetika 1967*, Belvedere Museum, Viena, Áustria (2016)
 - The Illusive Eye*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2016)

- coleções selecionadas

 - Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
 - Daros Collection, Zurique, Suíça
 - Los Angeles County Museum of Art, Los Angeles, EUA
 - Musée d’Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
 - Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

sheila hicks

n. Hastings, EUA, 1934

Vive e trabalha em Paris, França

Sheila Hicks é uma das mais importantes artistas do modernismo tardio no Ocidente, além de pioneira no uso de técnicas têxteis para a produção de trabalhos de arte, ela possui presença destacada no panorama da arte contemporânea desde a década de 1960. Sua produção iniciou-se no final dos anos 1950, logo após ter finalizado seus estudos na Yale Art School, em que esteve em contato com os ensinamentos de mestres como Josef Albers, Rico Lebrun, Bernard Chaet e George Kubler. Artista global avant la lettre, Hicks realizou inúmeras viagens nas quais dedicava-se a estudar a cultura de cada lugar e suas práticas locais, com foco, sobretudo, naquelas relacionadas à tecelagem e à produção têxtil em países como México, Marrocos, Índia, Coreia, Japão, Peru, Israel, Suécia e África do Sul.

Seu trabalho caracteriza-se pela investigação da escala, variando do mínimo ao monumental e frequentemente ocupando o espaço limiar entre arte, design, artesanato e arquitetura. Dentro da multiplicidade de sua produção, Sheila Hicks confere sempre à cor papel de destaque, de modo a evocar suas incursões iniciais na pintura. Ela utiliza sua prática na tecelagem como uma extensão da pintura – “uma pintora perdida na selva de fibras buscando encontrar uma saída”, brinca a artista ao comentar sua relação com a técnica têxtil. Hicks também se tornou conhecida por utilizar uma vasta gama de materiais, desde pedaços de ardósia e fios até uniformes de enfermeiros e militares. Recentemente, Hicks começou a realizar experimentos com materiais biodegradáveis, que, embora estejam fadados a se desintegrar fisicamente, não chegam propriamente a desaparecer, uma vez que a artista procura despertar, ou construir, experiências memoráveis, perenes a auráticas.

exposições individuais selecionadas

- *Reencuentro*, Museo Chileno de Arte Precolombino, Santiago, Chile (2019)
- *Sheila Hicks: Lignes de Vie*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Hop, Skip, Jump, and Fly: Escape From Gravity*, The High Line, Nova York, EUA (2017)
- *Sheila Hicks: Hilos libres. El textil y sus raíces prehispánicas, 1954–2017*, Museo Amparo, Puebla, México (2017)

exposições coletivas selecionadas

- *Surrounds – 11 installations*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *Weaving Beyond the Bauhaus*, The Art Institute of Chicago, Chicago, EUA (2019)

-
- *Making Knowing: Craft in Art, 1950-2019*, Whitney Museum of American Art, Nova York, EUA (2019)
 - *Beyond Craft*, Tate Modern, London, Reino Unido (2018)
 - *Voyage d’Hiver*, Château de Versailles, Versailles, França (2017)
 - 57th Biennale di Venezia, Venice, Itália (2017)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Industriet Museum, Oslo, Noruega
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- National Museum of Modern Art, Tóquio, Japão
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos
- Tate Gallery, Londres, Reino Unido)

voltar ao trabalho do artista ↑

marco maggi
n. 1957, Montevideo, Uruguai
vive e trabalha em Nova York, EUA

A presença do papel e o caráter intimista são duas constantes na produção de Marco Maggi, mesmo em suas grandes instalações. Desde a consolidação de sua carreira, na década de 1990, ele estimula o espectador, de forma espirituosa e delicada, a diminuir o ritmo cotidiano e observar com vagar, prestar atenção e se aprofundar em suas obras, na vida ao seu redor e na sociedade em que se vive. Nas palavras do curador Adriano Pedrosa, o artista “finca trincheiras no embate com a velocidade”.

Na série *The Ted Turner Collection – from CNN to the DNA*, Maggi demonstra senso crítico apurado, usando reproduções de obras de artistas como Gerhard Richter, Andy Warhol e Hélio Oiticica para comentar a condição midiática da vida atual. Pilhas de papel em branco cobrem reproduções e, filetadas com precisão, criam relevos e aberturas que revelam traços da imagem oculta, formando uma grande paisagem branca com pequenas aberturas de cor. Suas instalações também fazem uso do papel, mas as numerosas pilhas, à distância, não revelam sua natureza; é preciso se aproximar, ter certa intimidade com as obras, dedicar-lhes algum tempo para descobrir o que revelam.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *O papel é inocente*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2018)
- *Putin’s Pencils*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
- *Piano Piano*, Espacio Monitor, Caracas, Venezuela (2016)
- *Drawing Attention*, Kemper Museum of Contemporary Art, Kansas, EUA

exposições coletivas selecionadas

- *Movement: The Legacy of Kineticism*, Dallas Museum of Art (DMA), Dallas, EUA (2022)
- *Reflections on Time and Space*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2019)
- *Art_Latin_America: Against the Survey*, Davis Museum at Wellesley College, Wellesley, EUA (2019)

-
- *Latinoamérica: volver al futuro*, Museo de Arte Contemporáneo de Buenos Aires (MACBA), Buenos Aires, Argentina (2018)
 - *Tension and Dynamism*, no Atchugarry Art Center, Miami, EUA (2018)
 - *Paper into Sculpture*, no Nasher Sculpture Center, Dallas, EUA (2017)
 - 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
 - 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002)

coleções selecionadas

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Cisneros-Fontanals Foundation (CIFO), Miami, EUA
- Daros Foundation, Zurique, Suíça
- Drawing Center, Nova York, EUA
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA

[voltar ao trabalho do artista ↑](#)

maria eugenia dávila e eduardo portillo

n. 1966, Mérida e Jajó, Venezuela
vive e trabalha em Caracas, Venezuela

Eduardo Portillo e Maria Eugenia Dávila têm como principal interesse poético técnicas de tecelagem tradicionais. Para isso, adotaram uma abordagem experimental em todos os aspectos de seu trabalho artístico: origem, técnica e materiais. Eles lideraram as técnicas de criação de bichos-da-seda na Venezuela, tecendo com fibras de origem local e tingindo com corantes naturais. Elas foram inspiradas a trabalhar com índigo natural por meio de visitas ao Orinoco e à Amazônia.

Passaram vários anos na China e na Índia estudando sericultura, ou criação de seda, e, desde então, suas pesquisas os levaram ao mundo todo. Na Venezuela, eles estabeleceram todo o processo de fabricação da seda: cultivo de amoreiras nas encostas dos Andes, criação de bichos-da-seda, obtenção dos fios, coloração com corantes naturais, design e tecelagem de tecidos inovadores.

selected solo exhibitions

- *Azul Indigo: Textiles de Maria Eugenia Dávila y Eduardo Portillo*, Trasncho Cultural, Caracas, Venezuela (2012)

selected group exhibitions

- *New Territories: Laboratories for Design, Craft and Art in Latin America*, Museum of Arts and Design, Nova York, EUA (2014)

selected collections

- Art Institute of Chicago, Chicago, EUA
- Toledo Art Museum, Toledo, EUA

abraham palatnik

n. 1928, Natal, Brasil

m. 2020, Rio de Janeiro, Brasil

Abraham Palatnik é figura central da arte cinética e óptica no Brasil. Seu interesse pelas possibilidades criativas das máquinas evoca a relação entre arte e tecnologia. O artista formou-se em engenharia, o que contribuiu para que desenvolvesse investigações técnicas focadas na experimentação com o movimento e a luz, realizando proposições baseadas no fenômeno visual que tornaram seu trabalho conhecido ao longo de sete décadas de produção. Destacou-se no cenário artístico a partir do final da década de 1940, momento em que cria seu primeiro Aparelho cinecromático (1949), peça em que reinventa a prática da pintura por meio do movimento coreografado de lâmpadas de diferentes voltagens em distintas velocidades e direções que criam imagens caleidoscópicas. Exibida na 1ª Bienal de São Paulo (1951), essa instalação de luz recebeu Menção Honrosa do júri internacional por sua originalidade. Integrou também, a partir de meados da década de 1950, o Grupo Frente, vertente carioca do Construtivismobrasileiro, ao lado de artistas como Lygia Pape e Ivan Serpa, e críticos como Ferreira Gullar e Mário Pedrosa.

As séries de progressões e relevos que iniciou posteriormente, feitas em materiais diversos (como madeira, cartão duplex ou acrílico), apresentam efeitos ópticos e cinéticos criados a partir de um meticuloso processo manual. O resultado são composições abstratas marcadas por um padrão rítmico que remete ao movimento de ondas irregulares.

clique para ver o cv completo

- exposições individuais selecionadas

- *Abraham Palatnik: O sismógrafo da cor*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
 - *Abraham Palatnik – A reinvenção da pintura*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-BH), Belo Horizonte (2021); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro (2017); Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre (2015); Museu Oscar Niemeyer (MON), Curitiba (2014); Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo (2014); Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-DF), Brasília, Brasil (2013)
 - *Abraham Palatnik: Em movimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
 - *Abraham Palatnik: Progression*, Sicardi Gallery, Houston, EUA (2017)
 - *Palatnik, une discipline du chaos*, Galerie Denise René, Paris, França (2012)

- exposições coletivas selecionadas

- *Sur moderno: Journeys of Abstraction – The Patricia Phelps de Cisneros Gift*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York,

- EUA (2019)

- *The Other Trans-Atlantic: Kinetic & Op Art in Central & Eastern Europe and Latin America 1950s–1970s*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2018); Garage Museum of Contemporary Art, Moscou, Rússia (2018); Museum of Modern Art in Warsaw, Varsóvia, Polônia (2017)
 - *Delirious: Art at the Limits of Reason, 1950–1980*, Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA (2018)
 - *Kinesthesia: Latin American Kinetic Art, 1954–1969*, Palm Springs Art Museum (PSAM), Palm Springs, EUA (2017)

- coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
 - Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
 - Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
 - Royal Museums of Fine Arts of Belgium, Bruxelas, Bélgica
 - William Keiser Museum, Krefeld, Alemanha

amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil

m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estudou com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atuou com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira, assim como sua experiência no laboratório de anatomia patológica de seu pai, possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Essa produção floresceu, ainda, no convívio com outros artistas de sua geração, tais como Mira Schendel, Tomie Ohtake, Hélio Oiticica e Lygia Pape.

A diversidade de meios de Amelia Toledo é reveladora de um espírito voltado para uma investigação expandida das possibilidades artísticas. A partir dos anos 1970 a produção da artista ultrapassa a gramática construtiva, que fazia uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo começa a colecionar materiais como conchas e pedras, e a paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (mube), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: Paisagem cromática*, Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2024)
- *Amelia Toledo: 1958-2007*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2021)
- *Amelia Toledo – Lembrei que esqueci*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-SP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2009)
- *Novo olhar*, Museu Oscar Niemeyer, Curitiba, Brasil (2007)
- *Viagem ao coração da matéria*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Constelação Clarice*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)
- *Radical Women: Latin American Art, 1960–1985*, Hammer Museum,

- Los Angeles, EUA (2017); Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018); Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2018)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 0ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- *30 x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)
- *Um ponto de ironia*, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)
- *Brasileana MASP: Moderna contemporânea*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

coleções selecionadas

- Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar ao trabalho do artista ↑

josé patrício
n. 1960, em Recife, Brasil, onde vive e trabalha

O trabalho de José Patrício se realiza na fronteira entre instalação e pintura, misturando esses gêneros. Sua prática parte do arranjo de objetos cotidianos, tais como dominós, dados e botões, a fim de criar padrões e imagens que podem ter caráter geométrico ou orgânico, ainda que não deixem de resguardar uma familiaridade enigmática com o cotidiano, tendo em vista a possibilidade de se reconhecer aqueles elementos nas composições. Patrício despontou no mundo da arte em 1999, quando criou uma instalação para o convento de São Francisco, em João Pessoa. Na ocasião, o artista utilizou dominós como elemento-chave para muitos dos seus trabalhos. Quando vistos de longe, os padrões observados ganham uma qualidade pictórica (dada sua configuração geral) que contrasta com a natureza gráfica individual de cada peça.

Sob a influência de importantes tendências e movimentos artísticos brasileiros, como a abstração geométrica e o concretismo, Patrício enfatiza o limite sutil entre a ordem e o caos e sugere que mesmo a mais rígida das fórmulas matemáticas possui uma potencial dimensão expressiva. Para o crítico e curador Paulo Sérgio Duarte, o procedimento de acumulação de Patrício nos leva a um “patamar diferente das questões colocadas pelo progresso da ciência e da técnica para a obra de arte. [...] Incorporado, como ponto de partida, o terreno da combinatória matemática, nos encontramos com a combinação das séries, reitero, infinitas nas suas possibilidades. O problema não é mais a reprodução do mesmo; trata-se, agora, de, a partir do mesmo, produzir infinitos outros.”

clique para ver o cv completo

- exposições individuais selecionadas**
 - *José Patrício: Agitações pelo Número*, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
 - *Infinitos Outros*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
 - *Potência criadora infinita*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2021)
 - *José Patrício: Algorithm in ‘Object Recognition’*, Pearl Lam Galleries Hong Kong H’Queens, Hong Kong (2018)
 - *Precisão e acaso*, Museu Mineiro, Belo Horizonte; Museu Nacional de Brasília (MUN), Brasília, Brasil (2018)
 - *Ponto zero*, Sesc Santo Amaro, São Paulo, Brasil (2017)
 - *Explosão fixa*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2017)

- exposições coletivas selecionadas**
 - *Utopias e distopias*, Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil (2022)

- *Ateliê de gravura: Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
 - *Géométries américaines, du Mexique à la Terre de Feu*, Fondation Cartier pour l’art contemporain, Paris, França (2018)
 - *Spots, Dots, Pips, Tiles: An Exhibition About Dominoes*. Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA (2017)
 - *Asas e raízes*, Caixa Cultural, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
 - 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003)
 - 22ª Bienal de São Paulo, Brasil (1994)

- coleções selecionadas**
 - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil
 - Fondation Cartier pour L’art contemporain, Paris, França
 - Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil
 - Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
 - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

fabio miguez

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

A pesquisa pictórica de Fábio Miguez é voltada para a espacialidade e a materialidade. Assim como os demais membros fundadores do ateliê Casa 7, Carlito Carvalhosa, Nuno Ramos, Paulo Monteiro e Rodrigo Andrade, Miguez, na década de 1980, era influenciado pela pintura neoexpressionista alemã. No período, seus trabalhos são marcados pelo acúmulo de matéria e pelas tonalidades escuras em composições que remetem à paisagens. Durante os anos 1990, começou a produzir, simultaneamente a seu trabalho pictórico, a série de foto *Derivas*, que foram publicadas no livro *Paisagem zero* (2013). Sua pesquisa passa a se debruçar sobre a luz, em composições abstratas, em que a gestualidade expressiva vai dando espaço à uma geometria frouxa, e as cores claras e transparentes ganham protagonismo.

Nos anos 2000, Miguez investiga a pintura no campo tridimensional, criando instalações com a sobreposição intervalada de placas de vidro pintadas, assim como suas valises que comportam objetos que permitem a interação do espectador, recombinando os diversos elementos ali presentes. Sua formação em arquitetura traz uma influência construtiva, que se manifesta em trabalhos da época em que o espaço vai ganhando contornos cada vez mais definidos. Desde 2010, Miguez se dedica à série *Atalhos*, em que se apropria de fragmentos e detalhes de pinturas de grandes mestres, reelaborando-as em pinturas de pequenas dimensões, empregando repetições e operações de inversão e espelhamento. Um desdobramento desse conjunto são as pinturas da série *Volpi*, na qual o artista se apropria de um fragmento de uma fachada do pintor itálo-brasileiro, reelaborando-a em grandes pinturas.

clique para ver o cv completo

exposições individuais selecionadas

- *Alvenarias*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2022)
- *Fragmentos do real (atalhos)* – *Fábio Miguez*, Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil (2018)
- *Horizonte, deserto, tecido, cimento*, Nara Roesler, Rio de Janeiro (2016); Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *Paisagem zero*, Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2012)
- *Temas e variações*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2008)
- *Fábio Miguez*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2003)

exposições coletivas selecionadas

- *Co/respondências: Brasil e exterior*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Alfredo Volpi & Fábio Miguez: Alvenarias*, Gladstone 64, Nova York, EUA (2023)
- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções*

- e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Oito décadas de abstração informal*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2018)
- *Casa 7*, Pivô, São Paulo, Brasil (2015)
- 5ª Bienal do Mercosul, Brasil (2005)
- 2ª Bienal de Havana, Cuba (1986)
- 18ª e 20ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985 e 1989)

coleções selecionadas

- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil
- Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

voltar ao trabalho do artista↑

nara roesler

são paulo

av europa, 655

jardim europa, 01449-001

são paulo, sp, brasil

t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241

ippanema, 22421-030

rio de janeiro, rj, brasil

t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street

new york, 10011 ny

usa

t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art